

Oscar Romero: um santo para nossos tempos

25/10/2018

Maria Clara Bingemer
teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

A santidade pode acontecer sem direta e necessária conexão com a moralidade, em especial dentro dos parâmetros casuísticos como tem sido concebida. Juntamente com esta afirmação está a convicção de que a santidade não ocorre necessariamente dentro dos cânones habituais de uma instituição religiosa. Trata-se de uma transformação completa da pessoa, a qual pode dar-se em diferentes circunstâncias.

Santo é alguém que tem o gênio de contemplar com atenção criativa a realidade e o mundo, e encontrar em sua experiência de Deus uma resposta original às demandas e interpelações que seu momento histórico e social levanta. A santidade é, pois, um processo vital, que inclui não apenas uma experiência religiosa, mas a conecta com a ética e a práxis.

Há poucos dias o mundo recebeu com júbilo a notícia de que o Papa Francisco canonizara – ou seja, proclamara santo da Igreja Católica – o arcebispo de San Salvador, Oscar Arnulfo Romero. Pessoa discreta e moderada, recebera o episcopado na expectativa de que se desempenharia dele da habitual forma discreta e modesta que o caracterizava. E assim provavelmente seria a história de seu percurso eclesial se não fosse alguém aberto ao Espírito que o animava. Quando viu com seus olhos as mortes que ceifavam a vida de seu clero e seu povo, percebeu que não podia apenas cumprir sua rotina de arcebispo. Tinha que falar.

E assim o tímido arcebispo denunciou as barbaridades que a violência fazia em seu país, declarando-as contra a justiça, a paz e, sobretudo, contra o Evangelho de Jesus. Suas homilias eram transmitidas por rádio e tonitruavam pelos quatro cantos de seu país e para além dele. Os olhos do mundo voltaram-se para o pequeno país oprimido que, graças à coragem profética do arcebispo, se fazia visível por toda parte.

As forças da violência e do mal que governavam o país não viram com bons olhos a atuação de monsenhor Romero. Protestaram em El Salvador, em Roma e onde mais puderam. Incomodava muito aquele arcebispo que teimava em não se recolher à sacristia e insistia em ocupar o espaço público fazendo denúncias e censurando os procedimentos da lei e da ordem.

Finalmente, Romero foi morto. Atravessou-lhe o coração uma bala disparada por um atirador de elite. Estava no meio da celebração da missa e acabava de consagrar o pão e o vinho que, transubstanciados no corpo e sangue de Jesus Cristo, resignificaram sua morte. Era um mártir, ou seja, uma testemunha que foi até o fim na confissão de fé do Reino anunciado por Jesus.

Na Igreja Antiga seria aclamado santo no minuto seguinte. O martírio era um sinal mais do que claro para declarar alguém plenamente unido a Deus e fiel a seu amor incondicional. Alguém que dá a vida pelos outros devido à fé que lhe anima a vida é certamente santo tal como o entende a Igreja Católica.

No entanto, Romero foi assassinado em 1980 e apenas agora, em 2018 aconteceu sua canonização. Por que uma espera tão longa diante de uma santidade tão evidente? Qual a razão da demora? Que dúvida poderia pairar sobre a vida daquele homem que o povo salvadorenho, assim como todos os latino-americanos, já cultuavam como santo e cuja vida inspirava outras vidas para além das fronteiras do continente?

Pareceria que Romero não teria sido assassinado por ódio à fé. A razão de sua morte não foi a defesa de uma formulação dogmática, ou de uma norma moral. Foi, sim, a comunhão apaixonada com a dor dos outros, no caso de seu povo que sofria perseguição e violência. Felizmente, o Papa Francisco entendeu que se Romero não fora morto por ódio à fé, certamente o fora por seu exemplo heroico de caridade. E no último dia 14 de outubro canonizou-o, declarando-o santo e mártir da Igreja Católica.

Os santos têm em comum a experiência de que todas as graças e conhecimentos a eles dados por Deus os direcionam misericordiosamente para o sofrimento humano. Cada santo ou santa não quer estar separado das dores e sofrimentos de seus contemporâneos, mas entrar em profunda solidariedade e comunhão com eles. Sua sintonia com Deus os leva não a ensimesmar-se em seu interior, mas a abrir olhos e ouvidos aos clamores da realidade, aos sofrimentos do próximo, à realidade dolorosa do mundo. E é aí que a mística se encontra com a prática da caridade e tem como fruto a santidade.

O *sim* que Oscar Romero disse a Deus teve início ali onde várias vezes a teodiceia encontrou uma aporia e homens grandes e brilhantes como Albert Camus não encontraram resposta a não ser a indignação e o antiteísmo: no sofrimento do outro, sofrimento inocente e injusto que abraçou com paixão e compaixão.

Canonizando santos, a Igreja quer dar testemunho ao mundo de que aqueles seus filhos viveram plenamente o ethos do amor e da intimidade com Deus e o serviço dos outros. Assim aconteceu com Oscar Romero, que hoje pode ser invocado como santo e cuja vida tornou o mundo mais humano e mais de acordo ao sonho do Criador.